

"ENEGRECENDO O WHATSAPP" - UMA ANÁLISE SOBRE A (RE) APROPRIAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL DO GRUPO JUVENTUDE NEGRA KALUNGA PELO USO DO APLICATIVO¹

"Blackening the whatsapp" - an analysis of the (re) appropriation of the cultural identity of the Black Youth Kalunga Group by the use of the application

"Ennegreciendo el whatsapp" - una análisis a respecto de la (re) apropiación de identidad cultural del Grupo Juventud Negra Kalunga por el uso de la aplicación

Luizete Vicente da Silva

Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC)
luizetvicesilva@gmail.com

Márcia Vidal Nunes

Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC)
marciavn@hotmail.com

Resumo

A presente pesquisa tem o objetivo de analisar a produção sociopolítica do ativismo digital negro por meio da observação do uso do aplicativo WhatsApp pela “Juventude Negra Kalunga”, grupo formado por jovens negros que se propõe a discutir as relações raciais, dando ênfase à prática do empoderamento juvenil e à identidade da juventude. Pretende-se observar como o grupo interage neste ciberespaço e quais os desdobramentos que esse ambiente virtual desenvolve nas relações presenciais e na construção de espaços de discussão para o exercício da cidadania da juventude negra.

Palavras-chave: Mídias sociais. Juventudes negras. WhatsApp. Ativismo digital.

Abstract

This research aims to analyze the sociopolitical production of the black digital activism by observing the use of the application WhatsApp among the “Juventude Negra Kalunga” (Kalunga’s Black Youth), a group composed of black youngsters which has the objective of debating racial relations, by giving emphasis to the practice of the youth empowerment and

¹ Síntese da minha dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal do Ceará (UFC), no dia 06 de março de 2018.

youth identity. We intend to observe how the group interacts in this cyberspace and what are the developments that this virtual environment creates in the presencial relations and in the construction of debating forums to the practise of the black youth citizenship.

Key words: Social media. Black youths. WhatsApp. Digital activism.

Resumen

La presente investigación tiene el objetivo de analizar la producción sociopolítica de lo activismo digital negro por medio de la observación del uso de la aplicación WhatsApp por la " Juventud Niegra Kalunga" , grupo de formación de jóvenes negros que se propone debatir las relaciones de raza dando énfasis a la practica del empoderamiento juvenil y a la identidad de Juventud. Se pretende observar como el grupo se sigue relacionando en el ciberespacio y cuales son los desdoblamientos que esto ambiente virtual desarrolla en las relaciones presenciales y en la construcción de sítios de discusión para lo ejercicio de la ciudadanía de la Juventud Niegra.

Palabras clave: Redes sociales. Jóvenes negros. WhatsApp. Activismo digital.

INTRODUÇÃO

Se, para toda caminhada, é preciso dar o primeiro passo, não seria diferente em uma pesquisa acadêmica. Descrever em um artigo, monografia ou uma dissertação a complexidade de analisar um grupo, uma comunidade, uma população, é desafiador. E compreender os percursos de uma pesquisa, suas particularidades e circularidades de informações, da forma mais fiel, é estimular um pensamento, uma reflexão sobre o campo e construir um movimento circular entre os sujeitos e a pesquisa. José Luiz Braga (2005), que desenvolve pesquisa sobre a interface Comunicação-Educação, diz que a curiosidade é fundamental para a produção de uma pesquisa: “É preciso estar curioso a respeito de uma situação ou tema. Ou seja: deve-se ter dúvidas que não sabemos algumas coisas sobre a questão de nosso interesse”. (BRAGA, 2005, p.289).

Com isso, foi possível entender a possibilidade de alinhar o conhecimento empírico com o “fazer ciência” (academia) para narrar à história da população negra e, em especial, da juventude negra na prática do ativismo digital. Ademais, para tentar compreender como essa juventude cria estratégias e reinventa mecanismos para denunciar as opressões e as violações vividas diariamente por meio dessas novas tecnologias, que impõem uma nova forma de interação, um novo tipo de produção de conteúdo, uma nova forma de percepção sobre a participação dos seus agentes. A ideia é compreender os discursos que os sujeitos realizam

nesse espaço como prática para alterar padrões para emissão da mensagem e entender quais ideologias e interesses o grupo Juventude Negra Kalunga tem na apropriação das mídias sociais, um local de produção cultural, social e política.

O desafio de tornar real a construção de mídias sociais, para dar visibilidade aos grupos historicamente excluídos e oprimidos, é significativo. Quando realizado um recorte geracional, percebemos o quanto essa população é estigmatizada e como ela não goza, de forma plena, seus direitos sociais, políticos e civis. Atualmente, as mídias sociais têm-se constituído como espaços de extensão para as relações sociais que podem ser medidas não apenas presencialmente, mas também on-line. O receptor não é um mero espectador da notícia, ele é, também, produtor de conteúdo e compartilhador da informação. São sujeitos que adquirem uma nova forma de transmissão das demandas e fortalecimento da resistência para a produção de discursos referentes às questões sociais, raciais, culturais e econômicas. Compreende-se, portanto, a necessidade de analisar a criação dessas ferramentas que auxiliam na prática do ativismo digital, atualmente, tão difundido no mundo.

Entendendo o movimento, conhecemos um grupo de jovens que também tinha os mesmos anseios, os mesmos questionamentos, querendo discutir sobre o espaço de fala da juventude negra cearense e viu, nas mídias sociais, a possibilidade de elaborar estratégias de mobilização e intervenção de suas pautas. Esses jovens eram um aglomerado de identificações, como ser negro, gay, travesti, candomblecista, mulher e/ou pobre que procuravam respostas para os dilemas de serem jovens negros e negras no Ceará, que se tornaram o Grupo Juventude Negra Kalunga, grupo que nasce em 2007, no I Encontro Nacional de Juventude Negra (ENJUNE), realizado em Lauro de Freitas, Bahia, com o intuito de discutir sobre a condição do negro na sociedade, o seu papel na formação social do povo brasileiro e como esse ator se remodela, para responder às discriminações e aos preconceitos que vivencia.

O nascimento do grupo ocorre em um momento de mudanças no debate sobre as relações raciais no Ceará e no Brasil, pois um grupo se depara com dados alarmantes sobre a situação do negro. A partir daí, foi possível analisar a produção de postagens dos integrantes no aplicativo, desde sua criação, verificando a forma como se relacionam, os comentários diários, os debates sobre a temática racial, os compartilhamentos de suas postagens nas redes

sociais e como o grupo influencia cada participante nas escolhas de suas fotos, frases e representação identitária, com o ativismo nas ruas, enquanto agentes que trocam experiências.

A pesquisa investigou a possibilidade de apropriação de identidades culturais do Kalunga que usa o *WhatsApp*², para produzir informações sobre as relações raciais de modo a criar um conteúdo nas mídias sociais e, assim, efetivar a democratização dos meios de comunicação. O *WhatsApp* apresenta uma forma de comunicação escrita prática e econômica, possibilitando o acesso e a participação de seus membros, sendo esse um dos motivos da entrada de diversos grupos ao espaço virtual. A intervenção política dos movimentos sociais agora une ‘a rua’ com ‘a tela de um celular’, potencializando agentes que pensem estratégias de formação, organização e mobilização entre compartilhamentos, curtidas e comentários através do *WhatsApp*.

2 ATIVISMO DIGITAL

2.1. Modos de pesquisar ativismo digital na rede

Pretendemos, com a pesquisa, compreender a funcionalidade do grupo de conversação, como ele oferece a possibilidade de interação entre usuários que apoiam causas comuns às demandas da juventude negra e analisar a busca, cada vez maior, pela troca de informações e experiências que facilitam a incorporação do aplicativo móvel no fortalecimento de pautas específicas. Tentou-se observar, através da pesquisa, o uso de um aplicativo pelo grupo, para entender as suas interações sociais entre os membros, as possibilidades que esse novo dispositivo tecnológico oferece para o debate e temas relativos às relações raciais e como a conversação pode proporcionar a produção do ativismo negro digital.

Os estudos quantitativos das ciências, no campo das pesquisas científicas que analisam dados estatísticos descritivos e multivariados, utilizam, em sua maioria, a técnica da análise de conteúdo para avaliar os dados coletados. Bardin (2009) afirma que a análise de conteúdo se configura como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que faz uso de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Essa

² Aplicativo de mensagens em uma multiplataforma que permite trocar mensagens pelo celular sem pagar pelos SMS. O aplicativo foi lançado em 2009 por integrantes do Yahoo!.

metodologia traz um conjunto de instrumentos, que estão em constante aperfeiçoamento, e que ajudaram no desenvolvimento das entrevistas. A classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos.

A escolha pela análise de conteúdo se mostrou mais assertiva, pois, na análise do discurso, por exemplo, o intuito é compreender discursos que os sujeitos realizam além do que já é comum a eles. Segundo Bardin (2009), os elementos utilizados, nessa etapa, estão ligados à intuição, à reflexão e à crítica do conteúdo apresentado, como se fosse uma imersão nos resultados pesquisados. A autora afirma que essa busca é a necessidade de compreender o espaço social como um fator científico que reivindica uma diversidade de informações para analisar os fatos em uma sociedade.

O estudo apresentado faz uma abordagem com princípios da pesquisa qualitativa, compreendendo o campo e o seu contexto acerca dos modos de vida e militância da juventude negra Kalunga por meio do aplicativo. A partir da análise de conteúdo, foram utilizadas as seguintes ferramentas para coletar as informações: observação do grupo no aplicativo, elaboração de questionário e realização das entrevistas. Foi estabelecido o tempo para a realização da pesquisa referente à entrada/chegada do grupo no *WhatsApp*, com a duração de um ano da data inicial em 04 de novembro de 2014.

2.2. As representações negras para a construção da mídia

Para tentar compreender a forma de utilização do aplicativo *WhatsApp* pelo grupo Juventude Negra Kalunga no período de um ano de participação, foi tomado como referência a sua entrada no dia 04 de novembro de 2014. A pesquisa analisa quais temas têm mais destaque na conversação, a interação do grupo pelo uso da ferramenta durante este período para a produção de um ativismo digital negro e os impactos deste ambiente virtual para o desenvolvimento de ações e relações presenciais. Exemplos de temas que foram debatidos durante o período de observação do grupo no aplicativo, que foram pautas importantes no Movimento Negro, à época, são: a I Marcha das Mulheres Negras Contra o Racismo, a Violência e Pelo Bem Viver; os altos índices de assassinato de jovens negros no Brasil; ou mesmo pautas afetivas como o pedido de ajuda para amigos que passam por problemas de saúde, marcação de encontros casuais e a celebração do aniversário de algum integrante do grupo.

O Kalunga, no aplicativo, trouxe a possibilidade de conversação rápida sobre diferentes temas comuns entre os integrantes que, por motivos de trabalho, estudo, entre outros apresentados pelas pessoas do grupo, não tinham como se encontrar pessoalmente com maior frequência. As relações apresentadas no grupo, por meio das identificações que “a partir das mediações, as dinâmicas tecnológicas também transformam as identidades e as experiências de sociabilidade” (COGO; BERNARDES, 2015, p.156) existem, quando o grupo utiliza o aplicativo.

O dever com a causa é sentido pelos membros que procuram formas de discutir o tema no aplicativo, com diferentes estratégias, para realizar um projeto que ajude no reconhecimento da população, seja para serem aceitos no meio do Movimento Negro como militantes da pauta, ou mesmo para promover o reconhecimento da temática por outras pessoas. Isso é observado, constantemente, na conversação do grupo, que busca formas de produzir o debate das relações raciais através do uso do *WhatsApp*, mas que também utilizará de outras mídias para ampliar sua participação e assim disputar o tema na sociedade. Para Malini e Antoun (2013), essas ações coletivas são criadas para um bem comum. Eles afirmam que os meios de comunicação envolvem a sociedade “na medida que eles transformam as maneiras como [as ações coletivas] as veem a si mesmas e como os outros as vem” (MALINI E ANTOUN, 2013, p.86). A necessidade de ações coletivas do grupo Kalunga, que ajudem na partilha sobre a temática, será um impulsionador no aplicativo e acarretará na criação de táticas do *on-line* para o *off-line*.

2.3. O processo de produção do ativismo do grupo através de aplicativos móveis

Apresentaremos narrativas que ajudaram na elaboração do discurso do grupo dentro e fora do aplicativo que estruturaram as falas de negociação sobre temas prioritários do movimento negro ou mesmo temas identificados como prioritários para o grupo, a exemplo do tema sobre a defesa da democracia³ que aparece, mais de uma vez, nas conversas do grupo, como mostra o gráfico 1.

Mesmo com o aparecimento de diferentes temas, a distribuição de mensagens é feita por meio de regras não-ditas (MAFFESOLI, 1998). Quando ele fala sobre a experiência ética

³ Tema que marca a realização das manifestações de junho de 2013 e nas diversas outras ações nos anos de 2014 e 2015, período da pesquisa, como impulsionador de debate sobre a organização política, a corrupção no Estado brasileiro, a garantia da soberania nacional, as reformas, dentre tantos outros pontos que vêm sendo discutidos pela sociedade na atualidade.

como forma de determinar a convivência entre as pessoas, uma moral que auxilia nas relações entre os membros que compõem um grupo. Essa reflexão mostra que o grupo Movimento Negro Kalunga criou, mesmo sem elencar as regras, um espaço de interação com normas para ajudar convivência entre os sujeitos sociais que vão discutir as relações raciais, como ponto prioritário, mas que encontraram outros pontos em comum a todos como a conjuntura política brasileira, ideologia de gênero ou mesmo a guerra na Síria.

Isso ocorre porque, como fala Maffesoli (2008), é criada uma relação de sentimento do grupo. Esse “sentimento produz uma forma de solidariedade que não se pode mais ignorar. É necessário notar que, além do desenvolvimento tecnológico, essa solidariedade reinvestiu a forma comunitária que acreditávamos haver ultrapassado” (MAFFESOLI, 2008, p. 23). O grupo não vinculou regras pré-estabelecidas ou estratégias de compartilhamento, mas foi percebido que utilizou o espaço para a partilha de diálogos referentes à juventude negra entre outros temas, como explica Dione Silva⁴, integrante e fundadora do grupo.

Na verdade o foco era juventude negra. Eu lembro que a gente compartilhava coisas sobre o extermínio da juventude negra, na época era um debate que estava em alta e que avançou, consideravelmente, por causa do PL [projeto de lei] 4471 que responsabilizava policiais que assassinavam jovens negros para acabar com atos de resistência. Lembro que a gente compartilhou algumas coisas sobre isso, além de outras questões sobre mulheres negras, mulheres trans negras, de gays negros, lésbicas. Acho que a gente sempre conseguiu fazer isso, fazer um link dessas outras questões com a questão racial. (Silva, 2017, **grifo nosso**).

Os debates no grupo vão criando uma forma de organização, para proporcionar a troca de informação, utilizando as múltiplas interfaces oferecidas pelo aplicativo e, a partir daí, produzindo uma participação ativa de seus membros. Além de o grupo Juventude Negra Kalunga introduzir nas suas redes interativas uma relação de comunidade de partilha de agendas, bandeiras de lutas e divisão de questionamentos, também perceberemos que inquietações e desejos referentes à sua vida e condição de jovem negro também serão pontos presentes na interação do grupo.

3. COMUNICAÇÃO, ATIVISMO DIGITAL E CIDADANIA DO GRUPO JUVENTUDE NEGRA KALUNGA

⁴ Entrevista concedida por Dione Silva integrante e administradora do grupo Juventude Negra Kalunga, em 06 de novembro de 2017.

A observação do uso do aplicativo pelo grupo Kalunga acaba por apresentar que existe um entrecruzamento de temas que vão tecendo uma comunidade de ativismo e afeto na busca pela identidade individual e coletiva de seus participantes, como afirma Paiva (2012), ao exemplificar sobre a comunidade do afeto na atualidade. As relações de afeto, religiosidade e mulheres negras serão elementos que apareceram na conversação do grupo e que se conectaram com os acontecimentos na sociedade com mais ou menos intensidade. Ainda sobre o ativismo negro, a integrante do Movimento Negro Kalunga e criadora do grupo no aplicativo, Rebeca Bezerra⁵, afirma que os membros intensificaram sua participação no aplicativo no período do seminário. Ela acredita que as ações presenciais ajudavam no aumento do fluxo de mensagens pelo *WhatsApp* do grupo, ao dizer que “hoje eu não interajo quase nada, mas, em 2014, acho que a interação era bem maior, principalmente, à época do evento. A gente sempre tava tirando dúvidas, o nome das mesas, acho que eu bolei algumas coisas, pois estava criativa na época” (BEZERRA, 2017). Também são percebidas falas afetivas sobre a importância da organização para a formação social dos indivíduos que fazem parte do grupo Kalunga, como revela a ponderação da integrante Rebeca Bezerra⁶, ao salientar que

[...] o Kalunga foi super importante. [choro e engasgo] Eu lembro na verdade dos primeiros dias dessa relação que fui me conhecendo, que me tornou o que eu sou hoje, não só porque sou da Kalunga, mas pela política também e acho que se não fosse os dois eu não me tornaria. Acho que eu estaria com trinta filhos. **[risos]** Mentira! Quatro, eu acho, ou não estaria onde estou. Já fiz uma retrospectiva dessa realidade que eu não estaria onde estou não só pelo Kalunga, mas pela Organização Não Governamental (ONGs) que passei como a ENCINE e a ONG Comunicação e Cultura. (BEZERRA, 2017, **grifo nosso**).

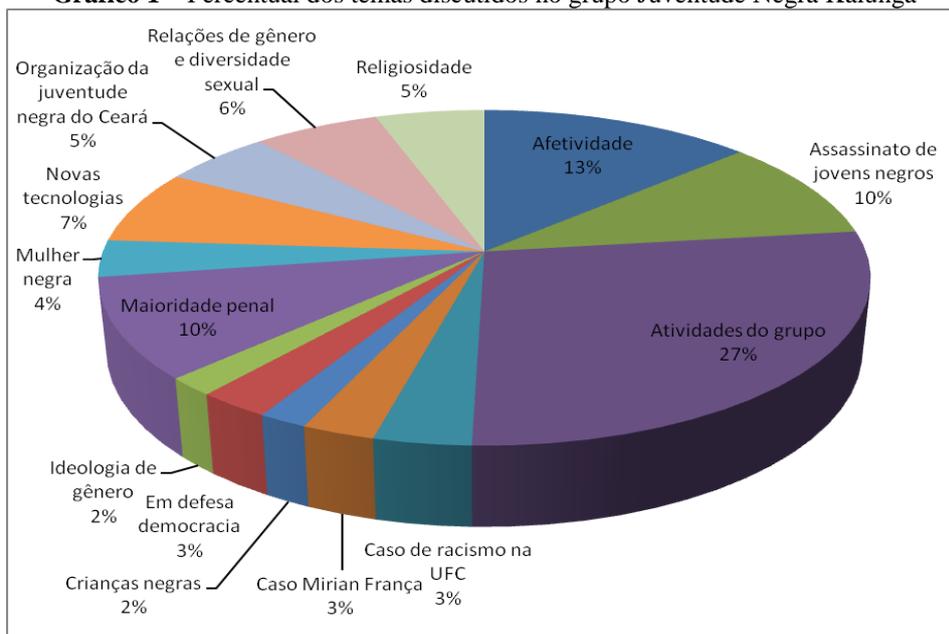
Isso ocorre porque esses espaços representam um local de sociabilidade de temas, apropriação de conteúdos importantes para o grupo, além do desejo por encontrar elos que unam esses sujeitos sociais que vivenciam a condição de serem jovens negros na sociedade brasileira, disputando uma forma de “fazer ativismo digital negro” consciente e cidadão na *Internet*. A partir da aplicação do questionário e da observação do uso do aplicativo pelo grupo, foi possível construir um percentual dos temas mais discutidos durante o período de

⁵ Entrevista concedida por Rebeca Bezerra, criadora e administradora do grupo Juventude Negra Kalunga, em 20/02/2017.

⁶ Idem

um ano, perceber como as pautas estão estruturadas no grupo e a interligação entre temas que fizeram parte da conversação.

Gráfico 1 – Percentual dos temas discutidos no grupo Juventude Negra Kalunga



Fonte: elaborada pelas autoras (2018).

Os dados apresentados, no gráfico 01, mostram que existe uma ordem de importância dos conteúdos compartilhados pelos membros e a constituição, quase que diária, de laços afetivos, para mediar as temáticas do grupo Juventude Negra Kalunga. Vemos isso com os fluxos de interações para elaborarem ações presenciais das atividades externas do grupo, com 27%, que têm maior relevância, seguida da afetividade, com 13%. Também é possível observar que os temas discutidos pelos movimentos de juventudes, como o assassinato de jovens negros e maioridade penal, com 10% para cada, tiveram destaque no grupo. Ou mesmo com pautas comuns da atualidade como as novas tecnologias, com 7%, e relações de gênero e diversidade sexual, com 6%, que aparecem com evidência, quando o objetivo é discutir as tecnologias apresentadas para as mídias sociais e os conflitos sobre a sexualidade e a identificação da juventude negra. No que diz respeito aos pontos identificados, é possível destacar que o grupo utilizou da ferramenta, para facilitar o acesso e

a circulação das informações, manter as relações sociais entre seus membros e produzir conteúdos que proporcionaram a interseção entre a tela do dispositivo móvel e a rua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do grupo de conversação do Kalunga possibilitou refletir como a juventude, e, em especial, a juventude negra, utiliza o aplicativo para discutir as ações e pautas que permeiam as questões raciais na sociedade. O trabalho foi desenvolvido a partir da observação dos debates ocorridos no aplicativo e entrevistas com os membros do grupo sobre a participação no *WhatsApp* e a sua relação com a juventude negra, ativismo digital e mídias sociais.

O questionamento sobre o processo de produção sociopolítica do ativismo digital negro é respondido, quando observamos que o grupo utilizou o aplicativo para a realização de ações que mobilizassem a população para as pautas da juventude negra, estabelecendo uma interconexão com as atividades presenciais que foram marcadas no aplicativo e/ou a apresentação de temas relevantes dentro do aplicativo que se transformavam em atividades presenciais.

Os impactos dessa maneira de “fazer militância” compõem as relações cotidianas que se rompem e se reconfiguram à medida que interagem nas redes sociais. Esse será um grande desafio das pesquisas na área das tecnologias digitais e sociedade na atualidade, que precisam analisar como os movimentos sociais, grupos e/ou coletivos utilizam as mídias sociais como estratégias de pertencimento, ativismo social e exercício da cidadania.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, LDA, 2009.

BRAGA, José Luiz. Para começar um projeto de pesquisa. **Revista Comunicação & Educação**. Ano X; Número 3. set/dez 2005.

COGO, Denise; BERNARDES, Márcia. **Juventude, sociabilidade e cidadania**: consumo e usos da internet entre jovens mulheres em uma instituição de acolhimento. Fortaleza, Ed UECE, 2015.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**: o declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua**: ciberativismo e mobilização nas redes sociais. Porto Alegre: Sulina, 2013.



PAIVA, Raquel. **O espírito comum** - Mídia, sociedade e globalismo. Petrópolis, Vozes, 2003.

Original recebido em: 16 de março de 2019

Aceito para publicação em: 14 de maio de 2019

Luizete Vicente da Silva

Possui graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Faculdade Estácio do Ceará (Estácio/FIC), especialização em Gestão Estratégicas em Políticas Públicas pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e mestrado em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). É Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Faz parte grupo de estudo Mídia, Política e Cultura. Desenvolve pesquisas nas áreas de mídias sociais, políticas públicas e relações étnico-raciais.

Márcia Vidal Nunes

Graduação em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará (1983), Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1991) e Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (1998). É professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, através do PROPAP/UFC (Programa Especial de Participação de Professores Aposentados da UFC), trabalhando, principalmente, com os seguintes temas: mídia, cidadania, políticas públicas e movimentos sociais.



Esta obra está licenciado com uma Licença
Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional

